

E A

## CIÊNCIA EM REVOLUÇÃO PERMANENTE

CYNTHIA MACHADO\*

relegaram ao segundo plano a idéia de desenvolvimento e provocaram o esquecimento das questões dos problemas regionais; v) o atual predomínio do pensamento liberal que prega o Estado Mínimo e ataca não só o intervencionismo do estado mais a todas as conquistas sociais decorrentes do Estado do Bem Estar que surgiu com a revolução Keynesiana; e vi) pela necessidade de procurarmos alternativas de interpretação a essa questão e sobretudo de sugerirmos reformas e políticas a serem seguidas. Isso se faz mais urgente frente as modificações que o processo de globalização vem trazendo para a economia e a sociedade do novo milênio, além do que a *crise que assola a civilização industrial (capitalista) parece que somente será resolvida com a "mudança do modelo de desenvolvimento em vigor"* (Celso Furtado, Veja, 1997, N° 1).

Assim, continua importante, atual e urgente o resgate da questão Nordeste e do problema das disparidades regionais na agenda dos verdadeiros e importantes problemas nacionais. É indispensável a sua inclusão e discussão na formulação de um *"novo projeto de desenvolvimento para o Brasil"*, que se contraponha ao pensamento liberal (que prega o estado mínimo e as soluções de mercado livre) como o melhor caminho a ser seguido pelo nosso país. É uma tarefa a qual devem se dedicar os estudiosos realmente preocupados com o destino da nação Brasil.

Para formulação desse projeto convém ressaltar que não existe uma lógica econômica inexorável em decorrência da globalização. As políticas neoliberais (desregulamentação, liberalização, privatização, etc.) que são concentradoras e socialmente excludentes, além de não resolverem os graves problemas estruturais e sociais, são de natureza política e de responsabilidade do atual governo. Não percam as esperanças em utopias, *devemos lutar pela construção de uma sociedade mais justa, pelo fim da miséria, da fome e da exclusão social no nosso país.* Afinal, até pouco tempo atrás aceitávamos ser possível e que poderíamos mudar o mundo. Será que a volta da supremacia liberal roubou nossa coragem? ●

*SAMUEL COSTA FILHO* é professor de Economia da UFPI e doutorando em Teoria Econômica do Instituto de Economia/ UNICAMP.

**B**ons tempos aqueles em que, após suar a camisa para conseguir seu diploma universitário, o novo "doutor" punha um anel no dedo, dependurava o diploma na parede do escritório e doava seus livros para algum sobrinho ou irmão mais jovem ainda na fila do vestibular.

Bons tempos? Nem tanto. A mente inquieta do estudante era subjugada pela falsa noção de que algo pode permanecer estático em um universo que se move velozmente pelo cosmos. A ciência, caminhando ainda a passos relativamente lentos, permitia o luxo da cristalização dos conhecimentos de um profissional por dez a 20 anos, até que este fosse considerado pelo mercado como desatualizado.

Mas essa situação mudou radicalmente. Nos últimos 50 anos a humanidade acumulou mais conhecimentos do que em todos os séculos anteriores. A ciência disparou e, com a ajuda substancial da informática, multiplicou conquistas em proporções geométricas.

A cada dia milhares de novas palavras e expressões são incorporadas ao idioma para designar processos, elementos, tecnologias, fármacos, microorganismos e outras descobertas. Livros podem torna-se obsoletos poucos dias depois de publicados e o conhecimento atualizado é buscado em tempo real, on-line, via Internet.

A previsão de estudiosos do assunto é de que a quantidade de conhecimento da humanidade dobrará nos próximos 20 anos. Em tal luta diária contra a desatualização frente ao enorme cabedal de conheci-

mentos gerados nos quatro cantos do mundo globalizado.

A universidade, nicho de pesquisa e ensino, deve estar preparada para enfrentar tão grandes desafios e atuar como ponta de lança para manter tanto alunos como professores aptos a lidarem com as novas tecnologias.

O estudante deverá ser conscientizado das vantagens de manter-se em aprendizado permanente, mesmo após a graduação. O profissional que já deixou os bancos escolares há algum tempo terá que abrir mão da acomodação e voltar a estudar, sob pena de torna-se totalmente ultrapassado em dois ou três anos. Ao cruzarmos os umbrais do século XXI resta-nos apenas uma certeza: a de somos todos aprendizes de um mundo em ebulição ●

CYNTHIA DINIZ MACHADO MARTINS DE SOUSA é Chefe do Departamento de Economia do Campus Ministro Reis Veloso/UFPI, Parnaíba/PI.

### CUSTO DE VIDA

O índice de preços ao consumidor (custo de vida) registrou durante o mês de março/98, um crescimento de 0.74%, elevando assim a variação acumulada nos três primeiros meses do ano para 3.74%. Constatou-se que os produtos alimentícios continuam exercendo grande pressão, notadamente, os in-naturas e os de elaboração primária, dos quais citam-se as frutas, verduras, feijão, ovos e o peixe de água salgada, que em março registrou crescimento de preços de 13.3%.

Fonte: CEPRO